

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais

Prof^ª: Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá

Discente: MARÍLIA BRAGA

mariliabragaporto@yahoo.com.br

Resumo 01 - abril/ 2008. [\[1\]](#)

RESENHA CRÍTICA

Referência: FANTIN, Monica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p.25-100.

Mônica Fantin é pedagoga, professora e doutora em Educação pela UFSC. Educadora em diversos níveis de ensino foi professora colaboradora na UFSC nos anos de 2002 e 2003. Faz assessoria a projetos na área de educação e cultura (Artistas da Palavra, Rede Andi/SC) e trabalha com formação e capacitação de educadores da rede pública e privada de ensino. Pesquisadora assistente no Grupo de Infância Comunicação e Arte, do CNPq, é colaboradora do Museu do Brinquedo na Ilha de Santa Catarina, na Ufsc. Atualmente é doutoranda em Educação na UFSC.

Nesse capítulo a autora tecerá considerações a respeito da mídia-educação, seus aspectos históricos conceituais, mais um breve panorama internacional.

Falar de Mídia-Educação significa falar da construção de uma relação entre seus termos para aproximar objetos, saberes e fazeres envolvendo um olhar interdisciplinar que faz parte de um movimento internacional.

O cenário internacional do campo da mídia-educação aponta diversas experiências didáticas e culturais sobre as mídias, promovendo uma constante reflexão metodológica e epistemológica a respeito de sua definição.

O professor e pesquisador Len Masterman fez um mapeamento da mídia-educação na Europa e destaca que diversos países europeus começaram a trabalhar pedagogicamente com as mídias há muito tempo, antes mesmo de terem uma definição sistematizada. Masterman defende um processo contínuo de educação para as mídias que vise não apenas uma inteligência, mas uma autonomia crítica.

É importante ressaltar que o percurso histórico da mídia-educação no Brasil ainda está para ser feito de forma mais sistemática.

De onde surge a mídia-educação? Ela nasce e se desenvolve paralelamente à formação da indústria cultural (...) ao longo das primeiras décadas do século XX. Naquele contexto, as mídias eram vistas como um mal que a educação deveria combater.

A sociedade contemporânea tem apresentado imensos desafios para os que atuam com educação.

Se as pessoas estão sendo educadas por imagens e sons, por programas de televisão, cinema, pelos r eletrônicos e tantos outros configurando os meios audiovisuais como um dos protagonistas do process culturais e educativos, a escola precisa pensar tais potencialidades. Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática social e cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo.

Assim, os sentidos culturais das sociedades contemporâneas se organizam cada vez mais a partir das mídia:

que exercem papel de grandes mediadoras entre sujeito e cultura modificando as interações coletivas, e tal fato implica a necessidade de mediações culturais. Girardello(2002), destaca que é preciso capacitar crianças e professores para a apreciação e recepção ativa, pois se as crianças não têm uma mediação adulta sistemática que as auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, a precariedade da reflexão sobre linguagem impede que a compreensão dessas crianças seja mais rica.

Para Mariazinha Fusari não é suficiente colecionar imagens, sons audiovisuais informatizados ou saber sobre suas técnicas, é preciso “aprender a elaborar e a intervir no processo comunicacional que se dá entre professores e alunos com essas mídias, para ajudar na realização da cidadania contemporânea.

Os objetivos da educação para as mídias dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação, enfatiza Belloni. Para ela, a idéia de educação para as mídias é condição de “educação para a cidadania, sendo um instrumento fundamental para a democratização de opor educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais”.

Situando as tecnologias da informação e da comunicação no contexto da Mídia-educação, Belloni destaca duas dimensões indissociáveis: ferramenta pedagógica e objeto de estudo comple: multifacetado. Ela distingue Mídia-educação e comunicação educacional como duas novas disciplinas ou áreas de estudo que delinham-se ainda confusamente.

“mídia-educação

(ou educação para as mídias) diz respeito à dimensão “objeto de estudo” e tem importância crescente no mundo da educação e da comunicação. Comunicação educacional que se refere mais à dimensão “ferramenta pedagógica” e vai se desenvolvendo como uma nova “disciplina” ou campo que vem substituir e ampliar “tecnologia educacional” (também não tem ainda termo consagrado no Brasil)” (2001:9).

Por sua vez, Soares acredita que uma nova produção simbólica e uma nova prática comunicativa estão geradas a partir da perspectiva da Educomunicação.

“O Campo da Educomunicação é compreendido, portanto, como um conjunto de ações que permitem educadores e estudantes desenvolvam um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. (...) incluiria não apenas relacionamentos grupais (a área da comunicação interpessoal), mas também atividades ligadas ao uso de recursos de informação no ensino-aprendizagem (a área das tecnologias educacionais), bem como o contato com os meios de comunicação de massa (área da educação para os meios de comunicação) e seu uso e manejo (área de produção comunicativa).”

Educar para as mídias nesta perspectiva implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido p mídias, para interagir significativamente com suas produções e para fazer/produzir mídias também. Ne sentido, podemos situar a discussão sobre os direitos das crianças, pois a questão parece ser maior do qu prover e/ou proteger as crianças dos meios e sim pensar em formas de prepará-las mais eficazm responsabilidades atuais do ser criança hoje, capacitando-as, a partir de suas especificidades, a analisar e refletir sobre suas interações com as mídias e a participar (na medida do possível) de decisões que dize respeito a este contexto. No entanto, como a educação para as mídias não se reduz aos meios a se instrumentais, pois elas não são ferramentas neutras e sim meios que produzem significados, isso deve est claro nas mediações escolares.

Diversas experiências têm demonstrado que é possível não só ensinar **com, sobre e através** dos meios, mas formar espectadores críticos que negociam os significados, que constroem conhecimento e que interage diversas formas. E para pensar a educação em tal perspectiva, a autora reconfigura a Mídia-educaçã perspectiva Píer Cesare Rivoltella, professor e pesquisador italiano que tem produzido muitos estudo pesquisas e reflexões a respeito da Mídia-educação sendo considerado hoje uma referência internacional campo.

Para Rivoltella, o cenário da relação mídia e sociedade interpela a educação em três sentidos: do ponto de vista alfabético (sendo as mídias protagonistas da interação social e da transmissão cultural, a educação nã pode deixar de trabalhar sua linguagem assegurando seu conhecimento e uso); do ponto de vista

metodológico (sendo as mídias um novo habitat cultural, a educação não pode ignorar esse aspecto limitando-se às mediações tradicionais); e do ponto de vista crítico (além de saber usar as mídias, a consciência reflexiva e responsável de que a paisagem midiática não é só suporte tecnológico mas também cultura).

A Mídia-educação pode ser compreendida em duas dimensões: pode configurar-se como campo disciplinar na interseção entre as ciências da educação (didática em particular) e as ciências da comunicação (principalmente a sociologia da comunicação e a semiótica); e pode ser entendida como prática social em contextos não só extraescolares. Ou seja, podemos entender a Mídia-educação como áreas de saber e intervenção em diversos contextos, como práxis educativa com um campo metodológico e de intervenção didática e como instância de reflexão teórica (com objetivos, metodologias e avaliação) sobre essa práxis. Assim, “qualquer intervenção mídia-educativa não pode prescindir de nenhum destes dois aspectos: está sempre em jogo uma práxis, uma atividade e uma reflexão teórica que guia e sustenta essa práxis” (Rivoltella)

Nesse sentido, além de ser um campo metodológico aberto, a Mídia- educação constitui um espaço de reflexão teórica sobre as práticas culturais e também se configura como um fazer educativo.

Ao longo da história e das experiências desenvolvidas em diferentes contextos culturais, podemos vislumbrar as identidades que a Mídia-educação foi assumindo e nos aproximar

de uma **definição** que se situa no “particular âmbito das ciências da educação e do trabalho educativo que consiste em práticas reflexões e estratégias operativas considerando as mídias como recurso integral para a intervenção formativa”

Como um campo interdisciplinar, os espaços de atuação da Mídia-educação vão além da escola e dos espaços institucionais. Diversas experiências de mídia e associacionismo e mídia e movimentos sociais vêm configurando como importante espaço de atuação e reflexão indicando uma crescente complexidade da sociedade que tende a ser cada vez menos institucionalizada (Rivoltella, 2002). Para ele, talvez esse seja o motivo da Mídia-educação assumir hoje uma “viva presença” no mundo, caracterizando-se mais como uma “sensibilidade difusa” que um campo disciplinar.

Por um lado, tal fato sugere uma força propositiva na base e na criação do movimento promovendo a consolidação de uma cultura da comunicação. Por outro, pensar a Mídia-educação só como movimento significa correr o risco de não obter o credenciamento acadêmico e disciplinar que pode garantir sua definitiva afirmação. Diante disso, Rivoltella propõe uma “dialética entre ciência e movimento, reflexão e ativismo” para refletir sobre a possibilidade de garantir a ME uma legitimidade epistemológica. Para tal, há que discutir o perfil disciplinar da Mídia-educação.

Problematizando duas perspectivas a respeito do propósito da Mídia-educação, Masterman pergunta se ela seria um “corpo de teorias e práticas” ou “um conjunto de entusiasmos unidos na teoria mas divididos na prática”. Respondendo com a primeira opção, Rivoltella tece algumas considerações sobre questões implícitas na pergunta: a necessidade de situar e de ter consciência sobre o lugar em que se encontra, o caminho e o percurso a ser feito para chegar aonde se quer e as perspectivas de fazê-lo; a reflexão sobre “almas” da Mídia-educação, a teórica (da reflexão sobre os modelos pedagógicos e os paradigmas didáticos) e a prática (da experimentação educativa); e a intenção de saber se a Mídia-educação está destinada a permanecer só como movimento ou se ela se configura como um saber.

A exigência de um posicionamento, o desenvolvimento da auto-reflexão e a determinação a compreender processos indicam a necessidade de uma consciência epistemológica, pois a partir da história da Mídia-educação, podemos nos aproximar de suas características como disciplina ou campo disciplinar.

Nesse sentido existem diversas razões para pensar em estabelecer o **estatuto epistemológico e os fundamentos**

da Mídia-educação. Para Rivoltella, a Mídia-educação: possui uma história que dura muitos anos; está difundida em diversos países configurando diferentes relações com as tradições culturais e necessidades sócio-políticas produzindo uma complexidade de paradigmas e concepções; a realidade das mídias e da cultura se transforma constantemente e desenvolve novas tecnologias de comunicação obrigando a Mídia-educação a realizar constante revisão de seu papel; a complexidade do contexto e a necessidade de formação demandam aspectos operativos e aplicativos sobre a reflexão de segundo nível caracterizada pela ME; além disso, no contexto internacional existem alguns países com dificuldades por parte do mi

acadêmico em reconhecer a cidadania da ME devido sua falta de definição disciplinar, e sem a existência acadêmica dificilmente uma disciplina será certificada.

Se cada ciência para se constituir enquanto tal deve possuir um objeto de interesse específico, nascer de matrizes teóricas precisas, colocar-se em relação com outras ciências afins, descrever uma história e possuir uma metodologia, a ME como campo, como disciplina e como prática social possui alguns destes elementos para se constituir enquanto tal.

Discutindo a respeito de como a ME vem sendo praticada na Europa, Masterman situa os princípios que podem esclarecer sobre a amplitude do objeto: o conceito central e unificador da ME é o de representação; um dos objetivos fundamentais da ME é o de desmascarar a falsa naturalização das mídias revelando seu caráter de construção; a ME é principalmente investigativa, não procura impor valores culturais específicos; a ME constrói em torno de alguns conceitos-chaves como instrumentos de análise e não como conteúdo alternativo; a ME é um processo de longo prazo e dura toda a vida; a ME visa não só a compreensão crítica, mas também a autonomia crítica; a eficácia da ME pode ser avaliada a partir de dois critérios gerais: a capacidade do aluno aplicar aquilo que conheceu a situações novas e o grau de empenho, interesse e motivação demonstrado; a ME parte sempre da atualidade, embora não se limite a ela.

Assim, a ME se ocupa de muitas questões que constituem seu **objeto**: a comunicação e a formação; os pontos de vistas instrumentais e temáticos que caracterizam as mídias para formação e a formação para mídias; a atenção às dimensões expressivas e críticas para escrever-ler com e sobre as mídias; os níveis operativos práticos e teóricos para ensinar as mídias e refletir sobre elas de forma contextualizada meta-reflexão sobre os processos envolvidos e atividades de capacitação; os âmbitos da intervenção escolar para a educação formal, informal e extra-escolar (museu, biblioteca, ludoteca), para animação sócio-cultural para ONGs, empresas sem fins lucrativos e/ou instituições assistenciais, e para empresas comerciais e formação profissional para atuar nas indústrias da comunicação (Rivoltella). Ou seja, tudo isso configura objeto sobre o qual a ME vem pensando, atuando e se construindo.

Para o autor, a **configuração epistemológica** do campo disciplinar da ME apresenta como cenário de fundo o encontro e a interface entre as ciências da comunicação e da educação, no interior do qual se destacam as contribuições teóricas vindas da semiótica, da sociologia, dos estudos culturais, da pedagogia e da didática e os limites disciplinares da tecnologia da instrução e cultura organizativa.

A contribuição do ponto de vista das ciências da comunicação diz respeito à leitura das mídias e sua função social contextualizada, ao diálogo com os profissionais das mídias, à atenção experimental e aos seus métodos de pesquisa. Por sua vez, a contribuição das ciências da educação caracteriza-se na recondução das mídias ao seu quadro de uso, na atenção às potencialidades e riscos da tecnologia e na predisposição de ser um espaço de confronto e reflexão.

Devido à natureza transversal da ME, sua posição de fronteira entre as ciências da comunicação e da educação se reflete nas contribuições teóricas de ambos os campos configurando suas estreitas relações constituidoras.

Na relação da ME e as ciências da comunicação a grande contribuição reside inicialmente no **campo dos estudos semióticos**, pois é da semiótica que a ME extrai uma metodologia de análise dos textos, reconhecendo os elementos gramaticais, os códigos e estruturas narrativas de um texto (ampliando o conceito de textualidade, fazendo análise estrutural da imagem, análise da narrativa - seus personagens, ações, transformação - e análise pragmática) e reconstruindo a estratégia de comunicação utilizada. A **sociologia da comunicação** permite distinguir os quadros dos valores operativos no sujeito, individualizar as comunidades em reconstruindo seu pertencimento cultural e orientar sobre as formas de pensar as práticas de consumo e a significação da ME na formação destas práticas. A grande contribuição dos **estudos culturais** é o destaque ao contexto político e econômico de um texto individualizando e desmascarando sua inscrição ideológica e funcionamento comunicativo na negociação de significados no processo de recepção. Assim, os estudos culturais consideram as contribuições da semiótica e da sociologia da comunicação, relacionando a codificação e decodificação de mensagens com a lógica produtiva e sua inscrição ideológica.

Na **relação da ME e as ciências da educação**, as **perspectivas pedagógicas e didáticas** que teorizam sobre

a prioridade do fazer e a relação entre linguagem, técnicas de comunicação e educação são muito importantes para o trabalho do Mídia-Educador, Rivoltella considera referências obrigatórias neste propósito a Pedagogia do Oprimido de **Paulo Freire** e a Escola-Laboratório de **Celestin Freinet**.

Segundo o autor, a comunicação está no centro de muitas idéias de educação em alguns pressupostos pedagógicos freireanos: no estilo e presença do educador cujo pensamento está em comunicação com a realidade; como espaço em que acontece o diálogo educativo; como materiais (fotografia, filmes, cartazes, etc.) através dos quais acontece a intervenção educativa que propicia a reflexão sobre a codificação e decodificação, análoga à semiótica e aos estudos culturais; e como instrumento de libertação do sujeito medida em que as técnicas de comunicação da leitura e escrita propiciam um novo acesso ao mundo.

Além disso, Rivoltella inclui a contribuição do construtivismo, visto que o conhecimento e a consciência produzem na atividade colaborativa de forma contextualizada onde o sujeito é o protagonista.

Tendo situado a ME, é importante discutir as concepções que têm norteado seu fazer e sua reflexão. Para pensar a respeito, Rivoltella situa três contextos em que a ME tem se manifestado, entendendo o contexto como “espaço e perspectiva no interior das quais a ME vem sendo pensada” ou como “um cenário operativo e teórico coordenado no interior dos quais objeto, objetivos e métodos da ME vêm sendo conceitualizados”

-Contexto metodológico ou tecnológico: a ME é pensada no sentido de fazer *educação com as mídias*, e se configura a partir de uma visão instrumentalista das mídias no âmbito da metodologia didática. A ME nesta perspectiva é considerada um recurso para a educação reinventar a didática ensinando com outros meios visando superar o esquema tradicional e substituir o suporte do livro texto através do uso do cinema, programas televisivos, etc.

-Contexto crítico: a ME atua no sentido de fazer *educação sobre as mídias* ou *educação para as mídias*, envolvendo diversas instâncias educativas. Fazer ME nesta perspectiva significa a capacidade de transmitir mensagens a um público influenciando no seu modo de agir e pensar. As mídias funcionam como suporte e objeto de estudo em que saber compreender, interpretar e avaliar os conteúdos das diversas mídias são ingredientes essenciais da ME. Tal perspectiva insere-se numa pedagogia moral e numa concepção “inoculatória”, que através da leitura crítica ideológica das ciências sociais, pretende defender os usuários e cultivar o gosto e conscientizar os sujeitos.

-Contexto profissional ou produtivo: a ME é entendida no sentido de fazer *educação através dos meios ou dentro das mídias* envolvendo também a área de formação profissional. Fazer ME nesta perspectiva significa utilizar as mídias como linguagem, como forma de expressão e produção, pois assim como não se aprende a ler sem aprender a escrever, não se faz ME só com leitura crítica e uso instrumental das mídias, sendo necessário aprender a “escrever” com as linguagens das mídias.

A discussão de tais contextos remete para a questão dos objetivos da ME. E embora quando Masterman se refere a como os objetivos gerais da ME “articular os interesses públicos e estender valores democráticos nas sociedades europeias”

o faça referindo-se apenas ao contexto europeu, ele estabelece algumas estratégias e prioridades que podem ser ampliadas para outros contextos.

Devido às diversas experiências e os diferentes momentos da ME noutros contextos culturais, podemos perguntar em que medida tais estratégias podem significar um ponto de referência seguro para definir prioridades e propostas?

No entanto, aprender com a experiência de quem já trilhou alguns caminhos pode encurtar o percurso e redimensionar alguns momentos ou mesmo reavaliar as prioridades. O desafio está em fazer tal aprendizagem sem perder de vista a especificidade das diferentes demandas presentes dos diversos contextos.

Assim, podemos pensar em redimensionar as estratégias que configuram objetivos que Masterman aponta e que podem ser sintetizados da seguinte forma: a defesa e a transformação dos sistemas públicos de informação (acesso livre e universal às informações, resultando na prioridade que a ME deve dar às questões de interesse público); a colaboração cada vez maior com os profissionais das mídias (relações entre

educadores e profissionais empenhados com a produção, circulação, distribuição e legitimação de idéias, pois ambos são potenciais criadores e mediadores da consciência pública e da consciência social e ambos possuem um importante papel a desenvolver); construção de redes nacionais e internacionais de M (necessidade e capacidade dos educadores se organizarem e participarem do debate público defendendo posições em diversos níveis: escolar, local, nacional e internacional); introdução de cursos de base de ME como direito de todos os estudantes (consolidação de propostas de inclusão da ME na educação); discussão sobre a necessidade de um novo paradigma para a ME que teria o ensino crítico das técnicas de marketing; e a necessidade da ME aparelhar-se para a atualidade tendo como compromisso, a transformação contínua.

Diante de tais objetivos e estratégias, há que pensar no **perfil profissional** do Mídia- Educador para situar os horizontes de seu trabalho e suas competências a serem desenvolvidas. Este perfil deve estar de acordo com as identidades plurais da ME que vão configurando suas **características estruturais** a partir da: transversalidade porque se vale da contribuição multidisciplinar dos saberes das ciências da educação; comunicação constituindo como um *objeto-fronteira*, e disciplina de interface; da amplitude da atuação porque não se limita à educação escolar atuando em diversas instâncias formativas extra-escolares, instituições ou associações sem fins lucrativos e instituições comerciais; da flexibilidade porque supera a dicotomia educar “para” ou “com” as mídias; e integração de saberes, porque envolve contribuições metodológicas de áreas diferentes, conforme as necessidades da sua identidade plural, que é instrumental, temática, teórica e operativa.

Considerando que a necessidade social de formação e de intervenção educativa é inegável, a formação profissional pode ser pensada a partir de diversos níveis: cursos de capacitação para educadores tendo como objeto as mídias e as novas tecnologias; cursos de graduação e de pós-graduação nas áreas de comunicação e educação; acompanhamento de experiências de movimento e animação cultural e do tipo curricular sob aspectos da comunicação de massa, entre outras. E isso exige um plano político e organizativo e envolvendo a universidade, a escola e o mundo da formação.

Além disso, no momento em que se institui cursos de graduação ou de pós-graduação, a clareza sobre o perfil profissional será uma condição para seu reconhecimento profissional.

Em relação à escola, a ME oscila no confronto das mídias e tecnologias: os que acreditam nas mídias com porta voz de uma subcultura de entretenimento contrária à lógica própria de ambientes formativos; e entusiastas das mídias e tecnologias que sustentam a necessidade de transformar o modo de aprendizagem na escola. Neste “cenário operativo”, a busca de soluções de alguns problemas da ME depende de uma consciência do momento cultural atual e de sua promoção nos diversos contextos projetando um modo diferente de fazer a sociedade, a escola, e a formação, onde as mídias possam ser consideradas uma questão relevante pelas interações, saberes e culturas que propicia e não só por seus efeitos negativos.

Neste sentido, é possível vislumbrar o desenvolvimento da ME em vários espaços de luta: no ministério da educação com a inclusão das mídias entre os saberes essenciais no currículo; na autonomia escolar que prevê a reorganização curricular introduzindo a ME na sua cota local ou com a abertura de um espaço didático transversal das mídias com núcleos temáticos que co-envolvem transversalmente os diversos saberes com suas especificidades e competências metodológicas; e ainda nos espaços não institucionais ligados a diversas práticas culturais. E tal fato remete mais uma vez para a discussão sobre o profissional que atua nestes diferentes espaços.

Diante disso, quem é esse profissional ME a ser formado? Qual seu perfil? É possível pensar numa identidade profissional com reconhecimento social? Rivoltella responde tais questões argumentando que, além de ser um professor com competências sobre as mídias ou um *expert* em mídias, a identidade profissional do ME implica superar a dicotomia professor-*expert*.

Jacquinet, pesquisadora francesa que há muito vem trabalhando esse tema, propõe substituir a idéia do ME para a do Educomunicador, dizendo que “o educador não é um professor especializado encarregado dos cursos de educação para as mídias, mas é um professor do século XXI, capaz de integrar as diversas mídias em suas práticas pedagógicas”. Nessa perspectiva, cada professor deve possuir além de seus saberes: suas competências profissionais próprias da sua disciplina, também aquelas relativas às mídias que deverão ser incorporados ao seu fazer educação. Disso resulta que a ME deva ser um patrimônio de cada professor.

Tal idéia inspirou a de visão de Soares, que entende o educador como um especialista com “intervenção educativa no uso dos processos, recursos e tecnologia da informação, com base em uma perspectiva

gerenciamento participativo e democrático da comunicação” e isso incluiria não apenas o desenvolvimento uso da tecnologia para otimizar práticas educativas, mas a capacidade de lidar com ela e a preparação e recepção organizada, ativa e crítica das mensagens dos meios.

À essa idéia de educador como um novo profissional especialista, formado no campo da comunicação para atuar no espaço escolar, ou seja, no campo da educação, Belloni contrapõe com uma idéia de “integradora que prepare educadores e comunicadores para suas novas funções, derivadas da convergência tecnológica dos dois campos”(2002:40). Segundo ela, para alguns pesquisadores conceituados, o “educador” proposto por Soares não seria mais do que um professor capaz de utilizar as novas tecnologias em seu trabalho cotidiano.

Assim, na perspectiva transversal da ME, poder-se-ia dizer que o perfil seria o do educador proposto por Jacquinet, mas na perspectiva da ME como disciplina escolar específica ou na coordenação de uma equipe multidisciplinar transversal, o perfil seria o do MEr.

Se “não existe uma, mas muitas ME” , acrescento dizendo que não existe um perfil do MEr, mas muitos perfis da figura do MEr. Pois, sendo o campo de definição da ME complexo com uma identidade plural evidencia diversos perfis do MEr com identidades profissionais também plurais: professor especialista, *expert* em mídia, professor transdisciplinar, educador, formador, Educador, MEr, ...

Além desses perfis e da caracterização do educador - já que este será o futuro perfil de todos os professores -, Rivoltella (2005) aponta uma nova possibilidade para o MEr: a da educação e pesquisa.

Se na dimensão da ME como prática social, o foco na educação ativa, política e militante pode implicar riscos de prioridade ao fazer, sem a devida reflexão, por outro lado, o risco também existe quando se fica só com a pesquisa, na reflexão científica e na experimentação sem a prática social mais ampla. Assim, o **perfil do MEr seria o do educador-pesquisador**, que faz de sua atividade de pesquisa uma ação e opção de intervenção e desta, uma oportunidade de reflexão. Nessa perspectiva, o MEr recupera a dimensão da pesquisa do professor, já que a reflexão é uma dimensão inalienável da prática. E para que tal profissional possa existir, é fundamental transformar a formação dos professores e revolucionar as agências formadoras, subvertendo os campos intelectuais e construindo conhecimentos de acordo com tais desafios.

Enfim, a autora defende a formação de um novo profissional, o mídia-educador, que deve saber trabalhar com a comunicação e deve ter também conhecimentos da área educacional. E diz que, no Brasil, as empresas de comunicação, ONGs, produtoras e escolas estão começando a sentir necessidade de pessoas com essa especialidade. O mídia-educador pode ser formado em pedagogia ou comunicação e se especializar nesse “campo de interface entre educação e comunicação”. Para Mônica, o mídia-educador tem o papel, de educar “com, sobre e através dos meios”, numa perspectiva crítica, instrumental e produtiva. Deve também despertar as empresas de mídia para a questão da qualidade de suas produções culturais bem como as possíveis implicações (e influências) de seus produtos na sociedade, em especial nas crianças e adolescentes.

Pensando nesse profissional, fico me questionado como será o caminho futuro nas relações Educação, Tecnologias e Mídias.

Difícil pensar de forma global no futuro dessa relação tríade. Uma coisa, porém é certa: vamos falar de múltiplas educações para pessoas muito diferentes.

Crianças e jovens que fazem parte da geração Net já exibem um perfil muito diferente dos excluídos digitais, e as diferenças não estão apenas na fluência com que usam computadores e redes. A conduta desses jovens em atividades diárias em seus computadores muda também na maneira como agem quando não conectados. Essas novas maneiras de pensar e agir das novas gerações digitais influenciarão o futuro das escolas e da educação de modo geral.

Será preciso, cada vez mais, ampliar ações e políticas efetivas, que propiciem a inclusão digital de todos os cidadãos.

[1] O texto se configura como parte da primeira atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1.